

FASES EVOLUTIVAS DA RELAÇÃO ENTRE O DOMÍNIO DO SENTIMENTO, DA RAZÃO E DA VONTADE.

Saudações e bênçãos, meus queridos, amados amigos. Sejam todos bem vindos ao início deste novo período de trabalho. O nosso caminho juntos prosseguirá novamente, de uma forma muito significativa. Muitos de vocês, meus amigos, fizeram grande progresso, alguns talvez mais do que percebem. Com frequência o que denominam progresso não o é realmente e o que representa verdadeiramente um avanço pode parecer, a princípio, exatamente o oposto. Só depois, em retrospectiva, é que serão capazes de ver o quanto, os mesmos aspectos que podem desencorajá-los à primeira vista, são os passos iniciais da sua evolução espiritual. O progresso deve trazê-los face a face com as suas armadilhas, com aquelas coisas que vocês tão diligentemente tem ignorado. Assim, assumir o que lhe é próprio por vezes pode parecer, para os não iniciados e ainda envolvidos consigo mesmos, um desenvolvimento indesejável que não pode ser identificado como crescimento. Na realidade, esse pode ser o passo mais significativo, a chave para a liberdade, para encontrar a sua verdadeira identidade.

Este grupo, todo este empreendimento, este esforço espiritual como um todo, é uma realidade pulsante, viva, meus amigos. Tem uma forma espiritual. Eu já discuti esse tema ocasionalmente, de forma especial em certos pontos de passagem. Ele é na verdade um organismo vivo e em crescimento, expandindo-se de maneira mais bela que nunca. Este organismo em movimento é bastante consciente de si mesmo, como qualquer coisa viva se torna no curso do seu desenvolvimento. Isso se aplica tanto a uma entidade individual quanto a entidade coletivas, tais como nações, grupos, esforços comuns. As mesmas leis psíquicas são aplicáveis. A consciência deve existir em algum grau em todos os organismos vivos. A consciência grupal pode ser extremamente difusa, como por exemplo em animais e plantas; pode ser altamente desenvolvida, desde que os indivíduos que formam o grupo estejam predominantemente em um estado de consciência elevada. O grau de consciência de um organismo grupal reflete o resultado da soma dos seus indivíduos, exatamente como a consciência geral de um indivíduo reflete a soma das várias camadas que o constituem. Essas camadas de consciência são a causa da dissensão interna, do conflito e da dor. Quando ocorre a unificação, as camadas se fundem em uma só, sendo ativadas e movimentadas pelo Âmagô Divino.

Quando o organismo como um todo tende ao crescimento, à purificação e à união de uma forma realista, essas camadas (ou aspectos) que resistem gradualmente morrem. A resistência ao processo de crescimento não se manifesta necessariamente em teoria, como um conceito ou princípio, mas pode, não obstante, surgir na prática, uma vez que aquilo que é realmente necessário pode não ser compatível com a ilusão esperançosa. Então, quando aspectos do organismo levantam-se contra os necessários passos do crescimento, estabelece-se um processo autosselativo de morte, ou exclusão, de forma a proteger o organismo como um todo para que ele não seja atingido por atitudes que derrotem a vida. Tal exclusão protege o todo do organismo e o seu crescimento contínuo. O processo da morte física é resultante do mesmo princípio. A matéria física morre

somente porque as atitudes subjacentes são devotadas a posturas que derrotam a vida: o medo da verdade e do amor, com todos os seus derivativos. Esses medos induzem a decadência, que finalmente se manifesta “externamente”.

Portanto, o que a princípio parece destruição é, a uma visão mais atenta e com uma percepção mais profunda, nada além de destruição da destrutividade. Mesmo que seja doloroso de suportar no momento, é frequentemente o evento mais preservador da vida, nascido da saúde geral do organismo. Pois o organismo doente poderia tolerar as atitudes contrárias à vida por um tempo muito mais longo. A morte é superada quando o organismo por inteiro não resiste mais à vida, à verdade, ao amor, de maneira que nenhuma substância mortífera tenha que ser secretada do organismo todo. É muito importante que esse princípio seja compreendido em todas as questões da vida, individuais e coletivas.

A palestra desta noite é novamente, como é comum no início de um novo período de trabalho, simultaneamente uma recapitulação em termos da ênfase atual e uma previsão, um projeto. Ela prenuncia a estrutura, ou forma, que será preenchida pelos indivíduos no ano que está por vir. Quando observar retrospectivamente a sequência das palestras e do Pathwork individual (aqueles que realmente o seguem de forma profunda, superando o seu medo do Eu), verá que ambos seguem, em linhas mais ou menos amplas, esse projeto.

Eu mencionei antes as várias camadas de consciência. Isso é o que eu gostaria de discutir em seus aspectos particulares, o que abrirá, então, uma nova compreensão acerca do porque é tão incrivelmente difícil abandonar o forte controle do ego. Se é que se deve atingir a autorrealização, deve-se alcançar uma nova estrutura de equilíbrio na qual o ego assuma um papel inteiramente diferente. E todos vocês, meus amigos, deveriam, mais uma vez, considerar seriamente o que é este caminho. Por que vocês estão envolvidos nele? Qual é a sua função? Com demasiada frequência a falta de clareza ou confusão sobre isso traz dificuldades e incompreensões desnecessárias. A função deste caminho não é remover um ou outro sintoma que se torna incômodo na vida de uma pessoa. Ele não é um tratamento para uma doença, nem simplesmente uma maneira de se tornar uma pessoa melhor, de se desenvolver espiritualmente. Tudo isso acontece, é claro, mas deve ser plenamente compreendido por todos que, não importa até onde decidam ir, o objetivo é a realização total do Âmagô Divino. E isso não é mera teoria. É realmente possível, exatamente aqui e agora.

Vamos antes, de mais nada, recapitular o significado da autorrealização. Tentarei usar novas palavras para atingi-los de forma mais dinâmica. Ela significa revelar, como uma realidade viva, o cerne do ser espiritual – aquele âmagô do Eu que é eterno. Repito que este não é um conceito religioso, aplicável a um futuro distante. Ele está imediatamente disponível. Como podem ser melhor descritos alguns dos resultados ou manifestações? Eu diria que uma nova “área” é despertada, localizada no centro do seu corpo, na região do plexo solar. A partir dessa área flui uma nova vida. Novos sentimentos, um novo modo de perceber, de reagir, de sentir, experimentar, responder, saber, de ver as coisas, a vida, as pessoas, os valores, as sequências de eventos. Tudo é dotado de uma nova luminosidade e de um significado mais profundo. As crenças mudam ou, se permanecem as mesmas em palavras, são diferentemente sentidas ou continuam as mesmas por razões diferentes. O alcance de uma opinião, uma convicção ou sensação alarga-se e se aprofunda. Tudo se torna mais pleno. O Eu fica a um só tempo intensamente pessoal e individualista, bem como universal. Aquelas que pareciam contradições incompatíveis unificam-se repentinamente, sem quebra de lógica. O medo desaparece e a vida se transforma em prazer sem fim, só porque o seu

oposto não é mais temido. O oposto do estado desejado de satisfação e felicidade não é evitado, mas a sua natureza ilusória é desmascarada como resultado de se ter passado por ele. Portanto não há mais nada a temer. O poder criativo do Eu está disponível a qualquer momento, e novamente isso resulta de se ter libertado a personalidade do medo.

Essas palavras são inadequadas para descrever o estado, chamado autorrealização, mas podem dar a alguns um vislumbre do que está por vir, porque talvez vocês tenham começado a experimentá-lo em um pequeno grau, uma vez ou outra. Ele vem gradualmente, mas, às vezes, chega de repente. Novamente essa aparente contradição não é verdadeira: tal estado só é possível quando todas as camadas superficiais, todas as tendências contraditórias da consciência tenham se unificado com o ser mais profundo.

Para ampliar a sua compreensão será útil ver a história espiritual do homem, a sua evolução, de um certo ponto privilegiado de observação. Em uma fase da história da sua existência espiritual, a entidade era semelhante a Deus. Era totalmente movido pelas forças criativas, cósmicas. Ele expressava a Consciência Universal em cada respiração e a cada movimento, da sua existência eternamente viva. Em um certo ponto, através de uma mudança de direção em sua consciência, ele se separou desse Cerne. Ao lutar para afastar-se do seu núcleo mais profundo, envolveu-se em ideias errôneas e, conseqüentemente, em reações e sentimentos destrutivos e, seguindo adiante, em cegueira, infelicidade e sofrimento. Juntamente com esse processo, cada afastamento do Cerne criava-se a si mesmo como uma nova camada de consciência. Cada camada adicional cobria a anterior, reforçando assim a muralha à volta do âmago. Quando essas novas camadas de consciência se formaram, a consciência assim separada funcionou por si mesma, alimentada pelo erro que foi responsável pelo surgimento das camadas revestidoras, ao invés de ser nutrida pela Fonte. Eis porque o homem experimenta tão frequentemente esse “andar em círculos”, o dar voltas infinitamente. A revigorante abordagem que vem da Fonte é indivisível, unificando todas as divisões e todos os conflitos. É essa, em traços muito amplos, a história espiritual do homem, e aquilo que o trouxe ao estado em que se encontra agora.

Retornando um pouco, novamente, veio uma conjuntura em que toda essa dor, sem uma saída visível, induziu a violência, a fúria, a cobiça, o isolamento – e muitas outras emoções destrutivas. Isso ainda existe hoje na alma humana. O sofrimento, a cegueira, a desesperança produzem sentimentos desprovidos do amor, o egoísmo e, com frequência, as reações mais violentas e maldosas diante do mundo. Na aurora da humanidade, quando o Homem era pouco mais consciente de si mesmo que um animal, ele se expressava e agia completamente a partir desses sentimentos destrutivos. O Homem primitivo não conhece inibição ou consciência. Ele está muito desligado dos seus semelhantes para sentir a dor deles como idêntica à sua própria. O sofrimento o fez cego por demais, porque a sua cegueira o levou ao sofrimento. Assim ele destrói e indulge em seus impulsos destrutivos.

Em estágios seguintes da sua evolução ele aprende que isso o coloca em conflito com o seu ambiente. Gradualmente, a consciência se expande como consequência da experiência vivida. Os primeiros processos de raciocínio mostram ao indivíduo que a expressão exterior daquilo que sente, sem controle, provoca ainda mais dor. Então se desenvolve uma “consciência social”, a qual é também resultante do seu instinto de autopreservação. Mas é apenas a conveniência que determina tal espécie de consciência. Ela ainda está muito distante da experiência interior de unicidade com o próximo. Ele chega, porém ao limiar no qual aprende a conter o seu ímpeto de destruição. Através

da experiência de muitas vidas, ao longo de milênios vivendo sob variadas circunstâncias, cada entidade aprende a desenvolver suas faculdades de razão (vendo a causa e o efeito das suas ações) e vontade (autodisciplina para não ceder a esses impulsos primitivos). Vocês avaliarão a importância desse passo na evolução da entidade.

O reino dos sentimentos é, neste ponto uma massa negada de dor, “mantida em fogo baixo”, e portanto de violência, raiva e malícia. Ainda assim, é a mais viva e criativa das faculdades. Ele é aquilo que é autoperpetuador. Uma vez que o mundo do sentimento é predominantemente negativo e destrutivo, a sua natureza autoperpetuadora cria impulso e compulsões de uma natureza altamente danosa. É por isso tão temido. Ele é mantido em cheque apenas pelo poder de raciocínio, de usar a mente e do poder de conter, disciplinar todos os impulsos espontâneos.

Quando essa consciência cresce e a negatividade do mundo do sentimento torna-se óbvia, o homem faz o seu melhor para negar, encobrir, bloquear, desativar o reino dos sentimentos. O que então ocorre, porém, é que nesse processo o Eu Espiritual torna-se também ainda mais isolado. Pois ele reside diretamente no interior do mundo dos sentimentos. A massa criativa de sentimentos é o divino, mesmo que agora se manifeste de uma forma tão destrutiva. Portanto, quando a razão e a vontade erguem uma barricada em torno dos sentimentos de forma a se porem a salvo da criatividade autoperpetuadora negativa, elas também erigem uma outra barreira ao redor do Âmagô Divino – o processo autoperpetuador positivo. Não obstante, é necessário que cada entidade passe por essa fase antes que a direção possa ser revertida.

É por essa razão que você teme o reino dos sentimentos. Você está doutrinado com a medida de segurança que aprendeu por tanto tempo e que agora deve desaprender. Você tem medo do reino dos sentimentos porque ele se encontra, em parte, em seu estado primitivo. Você ainda está imbuído com a ordem que foi aprendida no decorrer de muitas existências: “Eu devo manter essa destrutividade sob controle”. Quanto mais os sentimentos são negados, menos podem os sentimentos destrutivos transformar-se para o seu estado original. Assim, uma consciência se constrói, a qual é baseada na razão. Por muito tempo na história da evolução a razão e a vontade parecem a salvação, a graça salvadora, aquilo que controla, previne e domina o reino dos sentimentos.

Um número incalculável de entidades encontra-se agora precisamente nesse estágio. Elas desenvolveram razão e vontade suficientes para manter o reino dos sentimentos sob controle. Essa não foi uma escolha errada, uma direção equivocada, meus amigos. Foi necessário. Mas agora outro rumo deve ser tomado e é justamente isso que parece mais ameaçador, que parece estar em conflito com todos os esforços do passado. Elas se identificam e experimentam-se como sendo o assim chamado ego – aquela parte que centraliza a vontade e a razão. Por essa razão, todo o desafio para mudar de direção aparece, para o seu ser inconsciente, como uma enorme ameaça. Pois ativar o mundo dos sentimentos parece uma tarefa bastante perigosa que deixa a descoberto os sentimentos mais primitivos, egoístas e destrutivos, o que parece não ter fundo, ser algo definitivo. Isso explica, da maneira mais profunda possível, a imensa ameaça que todos os indivíduos experimentam quando chegam a uma certa encruzilhada no seu desenvolvimento geral. Para alguns a ameaça pode ser tão grande que eles seguem superdesenvolvendo as suas faculdades de razão e vontade, de forma tal que passa a existir um desequilíbrio.

A humanidade como um todo, encontra-se detida nesse ponto e é por isso que existe um desenvolvimento muito desigual, no qual cada vez mais ênfase vem sendo colocada, por um tempo muito longo, sobre as faculdades da razão e da vontade. Isso explica o desenvolvimento desequilibrado do gênero humano. Tecnológica, cientificamente ele é desproporcionalmente desenvolvido em comparação com as suas qualidades ligadas ao sentimento e à capacidade de experimentar espiritualmente. Sempre que surgem emoções, elas parecem muito mais negativas que positivas. Mesmo as tentativas feitas pelo homem para pregar o amor e a espiritualidade, têm pouco a ver, (na maioria dos casos) com a verdadeira experiência emocional. Na maioria das vezes estas são ideias e teorias, uma filosofia à qual ele adere em princípio, conceitualmente, e não algo que ele sente. Pois o sentimento ainda aparece como o grande inimigo e é acusado de ser totalmente não confiável e até mesmo perigoso.

A pobreza de sentimentos no ser humano médio é impressionante para aqueles que começam a tornar-se mais vivos e reais, que não mais estão congelados. Os escassos sentimentos que o ser humano médio experimenta são sempre controlados, sempre “temperados”, sempre abordados de forma muito cautelosa – esteja você consciente ou não, isso não altera o fato. Na verdade, tornar-se consciente dele é parte do caminho que você tem diante de si. Pois mesmo o admitir para si mesmo que “eu me sinto meio morto, eu poderia sentir mais do que sinto, logo o potencial para fazê-lo deve existir em mim” o traz muito mais perto do estado de autorrealização do que a cegueira de confundir o seu desejo de sentir e amar, porque acredita nisso como princípio, com o fato real de sentir e amar.

Essa é a tendência ou etapa geral na qual o homem se encontra. Ele acabou de dominar, por assim dizer, aquele estágio em que primitivamente cedia a cada impulso do reino dos sentimentos, isso é, naquele nível superficial, em sua maior parte, negativo e destrutivo. Aprendeu há pouco, com muito trabalho e esforço, através de muitas experiências, aparências e formas de existência, a canalizar e controlar esse eu destrutivo, primitivo e sem amarras, que pode ficar alucinado e causar tanto dano caso deixado à sua vontade. Toda pessoa criminoso ou insana presta testemunho desse fato. E cada um dos que estão lutando por seu próprio desenvolvimento sente-se ameaçado diante de qualquer exibição do eu primitivo não-canalizado. Essa parece ser uma grande dificuldade pois, como pode ser alcançado a autorrealização quando o mundo dos sentimentos é negado e não transcendido, quando a entidade não aprende a lidar com ele e descobre por si mesma que existe algo “lá embaixo” e que o mundo dos sentimentos não é um poço sem fundo de terror desconhecido, de violência e egoísmo irracionais, de desolação sem sentido. Tudo isso existe, mas na realidade é um fino verniz. Uma vez que as faculdades de raciocínio tenham sido suficientemente desenvolvidas no curso da evolução, passando por séculos de treinamento de uma entidade individual, e uma vez que a entidade tenha aprendido a pôr em prática o seu poder de autodisciplina, não há mais nenhum perigo em encontrar o reino dos sentimentos. O medo de ser inexoravelmente arrastado pelos sentimentos, uma vez conscientes, é infundado. As faculdades de razão e vontade estão intactas para todos aqueles que se encontram neste caminho, vez que, caso tais faculdades não se achassem suficientemente desenvolvidas, eles não poderiam passar sequer pelos estágios rudimentares deste Pathwork. Eles seriam incapazes de disciplinar suas vidas. E onde vocês não o fazem, estejam certos, meus amigos, é de forma bastante deliberada com um motivo ulterior em mente. Assim, o seu medo de não possuir bastante razão e vontade para controlar qualquer ação do mundo do sentimento é infundado.

O homem, desse modo, tem que aprender a seguir na direção oposta àquela que tomou até aqui. Ao invés de dominar, limitar, conter os sentimentos, ele tem de aprender a permiti-los na consciência, a aceitar a sua existência, a deixá-los estar e observá-los, a encontrá-los sem medo. Então ele verá o quanto é fácil admitir os sentimentos sem ter que agir por conta deles, antes escolhendo deliberadamente a ação resultante.

Talvez não esteja ainda claro porque é necessário em primeiro lugar conter o que mais tarde deve ser liberado sem amarras. A resposta é realmente simples e é importante que seja compreendida. Quando se observa uma pessoa primitiva ou um animal, você vê que a consciência ainda não é suficiente para que exista raciocínio ou vontade. Portanto essas faculdades não podem ser colocadas em ação, de forma tal que, quando os impulsos vêm à superfície, ele são dominantes. A vontade e a razão estão subdesenvolvidas e por isso não podem represar a enchente dos impulsos de emoções destrutivas. Portanto, muitas existências têm que ser vividas para treinar a razão e a vontade, pois somente quando essas faculdades tenham sido desenvolvidas pode ser completamente seguro permitir o acesso de sentimentos primitivos e destrutivos à superfície sem ser compelido à ação. Um caminho tal como este requer tanta disciplina e raciocínio para superar o medo arraigado e a consequente resistência que é, em si mesmo, uma medida de segurança embutida. Mesmo que a razão e a vontade tenham ainda os seus pontos fracos, elas inadvertida e organicamente se fortalecem exatamente onde é preciso através da coragem e honestidade, da autodisciplina e força de vontade, necessárias para chegar à presente conjuntura. Eis por que não há nada a temer.

As impressões inconscientes genéricas do homem são ainda tão poderosas que ele fica temeroso dos sentimentos. Assim, ele usa a razão e a vontade para negar a sua existência, para discipliná-los, afastando-os da consciência. Ele não compreende que não precisa mais, de tais controles, desde que esteja trilhando um caminho significativo de honesta autoconfrontação. Ele pode agora, depois que milênios de treinamentos da vontade e da razão estão a ser utilizadas em uma autoconfrontação honesta e humilde, com segurança permitir-se sentir o que sente, sem cair em perigo de ter que agir de acordo com o sentimento, quer tal ato seja bom em si mesmo, quer não. Agora ele pode reconhecer o sentimento, ativar a sua força de vontade de forma relaxada. Eis aí onde estão, meus amigos, ou onde poderiam estar.

Aqueles seres humanos cujo desenvolvimento geral os faz maduros e prontos para a realização do seu Âmagô Divino devem agora desaprender ou reaprender de uma nova maneira. Uma nova estrutura de equilíbrio tem que ser estabelecida. O homem muito primitivo é desequilibrado no sentido de que ele é completamente controlado por suas emoções, enquanto a vontade e a razão são ainda muito frágeis para entrar no processo de vida. O homem atual, falando de maneira geral (eu não penso nas exceções em ambos os extremos da escala), encontra-se no ponto em que a razão e a vontade acham-se superdesenvolvidas e a vida emocional bloqueada. Isso torna a união com o Âmagô Divino tão difícil (embora não tão distante) quanto no primeiro estágio. Pois o Âmagô Divino é uma massa viva, que tem alento, pulsante, energizante, da mais alta consciência e sabedoria, autoperpetuadora e autocriadora em um processo contínuo. Ele é tão potentemente vivo que não existe palavra para descrever a intensa natureza da sua vitalidade. Quando os sentimentos são temidos e, portanto, negados, a vitalidade é necessariamente também negada, quer a entidade esteja ou não consciente dessa conexão. A razão e a vontade por si mesmo, jamais podem injetar vitalidade na personalidade. Elas não podem tampouco trazer à personalidade a consciência do Núcleo Divino. Esse é o motivo porque as pessoas que são mais dominadas pela razão e pela vontade e têm os seus sentimentos controlados são aquelas cuja vitalidade é muito precária.

Vocês, meu amigos, que realmente querem entrar de posse da herança espiritual da sua natureza divina, não devem confundir espiritualidade com meras ideias espirituais. Devem trazer o seu Eu vivo e que sente para a ação, mesmo que isso não possa acontecer de nenhuma outra maneira senão enfrentando a destrutividade e a dor. Quando experimentarem integralmente o ódio e a dor que existe sem vacilar, o resultado será surpreendente. Mais rápido do que possa imaginar o ódio, a violência e a dor vão se dissolver e abrir caminho para uma nova vitalidade. Um mar de sentimentos cristalizará o prazer supremo, a capacidade de experimentar alturas de alegria, como nunca sonharam possível. Com isso, se lhe derem espaço, um novo senso de realidade cósmica surgirá. Vocês são fortes o bastante, na verdade, cada um é, para seguir esse caminho. O perigo de ser forçado a praticar ações contrárias à razão e à vontade é realmente uma ilusão no estado em que se encontram agora. O perigo agora é a sua dificuldade em admitir que ainda não é quem gostaria de ser. Mas, que preço alto se paga por viver a vida “como se”. Uma vez que decida encarar-se como é e passar pela dor de alguns sentimentos, vocês vão se convencer muito rápido que não apenas o reino dos sentimentos não é um poço sem fundo, como também que o seu verniz é relativamente muito superficial. Uma vez aprendido a lidar com esses sentimentos apenas deixando-os existir, eles se dissolverão tão rapidamente que você chegará a sentir essa nova vitalidade muito em breve.

Essa deve ser a estrada. Você precisará de auxílio e orientação passo a passo e é nisso que nos concentraremos neste ano vindouro. Muita orientação já foi ativada e veio em seu auxílio em abordagens de todas as espécies de fontes e caminhos novos. Nesta palestra eu gostaria de discutir outro passo de ajuda que podem utilizar e que constitui um importante aspecto no seu caminho. Quando tiverem atingido no seu Pathwork uma certa fase de percepção das emoções, verão o que estão constantemente fazendo com alguns dos seus sentimentos – muitos dos seus sentimentos. O que estão fazendo é usar a mente agitada, a faculdade de raciocínio superenfaturada, para encaixar os seus sentimentos em um quadro, para construir teorias sobre o por quê sentir de uma determinada maneira. A mente é tão supertreinada em seus assuntos, utilizando em excesso a razão que você acha que precisa de uma razão para sentir de um certo modo. Assim sempre lhe escapam quais sejam os reais motivos, como está a verdadeira situação. Imediatamente você tece uma teia de “razões”, de “explicações” para imagens fixas, para construir e encaixar os seus conceitos ao redor e dentro dos sentimentos verdadeiros, até que a própria vida deles é extraída. Uma vez que os sentimentos são temidos e a razão é a medida salvadora, você fabrica razões para sentir. Você está sempre cheio de explicações para o porquê de sentir de determinada maneira, até que não sobre nenhum sentimento – só teoria e explicação. Isso é tão importante, meus amigos. Quando puderem enxergá-lo, serão capazes de usar essa ajuda que aqui lhes dou.

Digamos, por exemplo, que você se sinta magoado. Em muitos casos essa mágoa é completamente negada, até para você mesmo. Ela é manipulada e transformada em uma acusação – frequentemente de forma elaborada e às vezes até utilizando fatores parcialmente verdadeiros a respeito da pessoa que o feriu. Mas isso pode ser, no máximo, uma diminuta partícula do quadro total, seja acerca da personalidade ou dos motivos do ato que produziu o sofrimento. Portanto não há mais qualquer realidade nas explicações e avaliações elaboradas e aparentemente razoáveis. A mágoa negada transforma-se em raiva. Esta, por sua vez, também é negada. A raiva é igualmente explicada e afastada pela teorização daquilo que produziu o ato que o machucou. Tudo isso torna impossível a verdadeira experiência do agravo e quando uma experiência real é negada você não pode deixá-la verdadeiramente para trás. Não pode superá-la. E assim acontece e você constrói, com frequência, em cima dessa estrutura uma falsa mágoa, exagerada – o jogo de que tanto falamos: “veja o que você me fez. A minha mágoa agora o força a agir de forma diferente”. Mas esse tipo de mágoa

artificialmente exagerada é o resultado de todas as falsas camadas que separam a consciência da verdadeira mágoa original. A dor falsa é uma dor insuportável que leva ao desespero e jamais a uma conclusão ou a uma solução satisfatória. A mágoa real é uma experiência branda, suave, nunca insuportável, sempre deixando intacta a essência da personalidade.

Caso você possa deixar-se sentir tal mágoa, simplesmente e sem adornos, declarando qual o fato e por que ele o fere, um novo padrão estará sendo criado. Se puder simplesmente deixar o sentimento ser em você, vai aprender não apenas a lidar com os seus sentimentos sem perigo, mas também com o mundo que o cerca. Essa é a forma mais segura e realista, a qual irá, ao mesmo tempo, estabelecer uma nova linha vital para o núcleo criativo, a sua verdadeira identidade. Se puder suportar essa dor e deixá-la estar – mesmo que não conheça ou não compreenda aquilo que o fere – admitindo a sua confusão e seus elementos adicionais de mágoa, você não precisará ficar violento, raivoso, destrutivo, vingativo ou mesquinho. Todas essas são apenas reações a um sentimento que você não quer suportar. Esse é o dano causado pela negação, que cria mais camadas de afastamento e alienação em relação ao Eu verdadeiro. Você tem que aprender a ficar calmo com a sua mente e a parar de negar os sentimentos através da agitada busca de adequar o evento que o machucou a imagens e teorias fixas. Deixe estar! Sinta o que você sente sem ter que fazer nada, quer seja em ação ou em raciocínios a respeito do fato. Então você vai experimentar um processo maravilhoso. O sentimento negativo e doloroso vai dissolver-se por si mesmo, de modo muito natural, não em ilusão, porque você desvia o olhar e o encobre sob espessas camadas de razão e vontade mal aplicadas, mas naturalmente, como todo processo vivo deve dissolver-se de volta ao seu estado original, caso não haja interferência no processo natural. O estado original não é dor mas prazer, não sofrimento mas alegria, não entorpecimento mas vida, não desesperança mas rica abundância de vida em eterna expansão. Todos esses fatos desejáveis da vida não podem ser forçados a penetrar no Eu. Se é que devem ser reais e duradouros eles têm que vir naturalmente, orgânica e espontaneamente, como resultado de não se recuar diante daquilo que existe agora, do que realmente se sente. Isso se dá como um processo muito gradual em proporção e na medida em que as verdadeiras sensações e sentimentos são experimentados sem ser negados ou exagerados – o que quer dizer, no final, a mesma coisa. Então você desperta o seu Centro espiritual, o qual encherá todo o seu ser. Você será preenchido com um senso de segurança, com sentimentos novos, fortes, belos, e também, no devido tempo, com novos conhecimentos, nova visão interior, novas percepções e intuições – e até mesmo novas faculdades. Eles irão jorrar do seu interior, preenchendo com o senso de que fazem realmente parte de você e não são simulações ou faculdades cujas manifestações depende de outros ou de circunstâncias que estão fora do seu controle. Você obterá entendimento baseado em uma dinâmica completamente diferente daquela que fundamenta a compreensão que você produz nesse processo artificial de encaixar qualquer sentimento ao qual se permita, em uma superestrutura de explicação e raciocínio. Enxergando tais superestruturas como formas espirituais, nós podemos ver como a maioria dos seres humanos vive com grandes formas desequilibradas crescendo dos seus corpos sutis, que são causa de peso. Elas devem ser dissolvidas no processo evolutivo.

Você talvez note que por um tempo muito longo o nosso Pathwork preocupou-se em ir de encontro às suas ações, pensamentos e conceitos, suas crenças e atitudes, em honestidade. Agora você deve aprender a registrar e suportar honestamente os seus sentimentos. A mágoa leve parece a princípio mais difícil de aguentar que aquela artificialmente ampliada, porque esta parece prometer uma dramática ação exterior. É uma expressão direta do fato de se dizer não à mágoa real, mais suave. Nenhuma destrutividade perigosa resultará quando a mágoa suave e gentil é aceita. Dela surgirão bons sentimentos, suaves e benignos, crescendo mais fortes e mais seguramente enraizados,

para sempre, transportando o Eu para uma vida muito mais frutífera e criativa. Cada vez mais energia vibrante e verdade, percepção e sabedoria profundas virão do centro do seu ser.

Esse processo que eu aqui desvelo requer, naturalmente, muitas abordagens e orientações específicas ao longo do caminho. Nós dedicaremos considerável atenção a isso de muitas maneiras. Haverá muitas oportunidades para que possam aprendê-lo. Vocês podem começar agora mesmo, de uma forma simples e direta, enfatizando nas suas meditações: “Eu gostaria de conhecer, experimentar e sentir aquilo que realmente sinto”, qualquer que seja a questão, qualquer que seja a disposição do dia ou do momento. Cuidado para não se convencerem a escapar desse processo por suspeitar de uma irracionalidade, nem a se manterem nele construindo uma argumentação. Ambos implica uma mente ativa demais. Deixe a mente ficar passiva, muito suavemente, deixe o sentimento emergir – qualquer que possa ser. Quanto mais calmo estiver, quanto mais relaxado e atenciosamente você “escutar” a natureza do seu sentimento, mais ele será o sentimento original e não a capa, o resultado da negação da verdade. Uma vez que se permita o impacto original do sentimento, você ficará mais próximo do Centro Vital, do qual flui todo o bem. Use a meditação para pedir orientação. Coloque na sua meditação que você tem a força para aguentar um pouco de dor – uma dor que, afinal de contas, está em você, apenas piorada como resultado que você está fazendo a ela e com ela. Diga a si mesmo que a dor é o portal para o prazer e a satisfação, para a alegria e a felicidade. Somente encontrando o sofrimento original é que se pode eliminar o entorpecimento artificial do reino dos sentimentos, que lentamente se espalha e faz com que as faculdades de vontade e razão ajam como robôs, tão diferentemente em natureza do fluxo vital da existência, que é o subproduto do reino dos sentimentos.

Em nossa próxima palestra discutirei outra faceta que vai ajudá-lo a não mais temer o mundo do sentimento. Falarei sobre como genuinamente eliminar a destrutividade da qual você tem tanto medo a ponto de excluir a própria vida. O que eu acabei de dar é uma chave vital para todos.

Não lute contra a dor, pois ao combatê-la você evitará a experiência cuja aceitação integral é necessária para que se cresça realmente tornando-se em seguida mais forte e feliz. Você então aprenderá a reconhecer a diferença, sutil porém enorme, entre as emoções genuínas e as desonestas e fabricadas.

Que vocês possam se recordar, sempre e sempre, que não há problema que não possa ser resolvido, não existe nenhum ponto no qual o caminho tenha que cessar, para ninguém. A expansão do viver criativo, da capacidade sempre crescente de experimentar a bondade da vida é realmente infinita. Assim, o caminho espiritual deixa de ser uma tarefa ameaçadora ou trabalhosa quando se vai de encontro às suas obstruções e ilusões, tornando-se a própria libertação. Mesmo a autorrealização não é um objetivo específico, finito. A pessoa com as mais graves aflições e distorções que diz “Eu vou até o fim; não há como me parar porque a força criativa em mim fará o seu trabalho na medida em que eu o permitir” está muito mais próxima do preenchimento e de realização totais do seu Eu Verdadeiro que aquela cujas capacidades intelectuais, sua razão e sua vontade funcionam o suficiente para ocultar a alienação interna e que, portanto, pensa que o seu caminho não precisa passar pela dor.

Deixe que a Consciência Divina infiltre todo o seu ser, meus amigos. Do modo que lhes mostro e no qual os guio fará disso mais do que uma esperança, um ideal e uma meta distante. A realidade desse fato vai lhes mostrar quão diferente se torna a vida. Isso pode ser seu, de cada um de

vocês, se realmente o quiserem. A sua mente tem a escolha. Neste ano, novamente, grandes e maravilhosas forças são trazidas aqui, e estão a fluir. Elas são em parte, resultados dos seus sinceros bons esforços, da superação que já ocorreu e dos sentimentos amorosos que aqui existem. De outra parte são também um influxo dos reinos espirituais preocupados em ampliar importantes empreendimentos nesta Terra. Eu os abençôo a todos e aos meus novos amigos, que se juntaram a este caminho e que têm excitação e aventura à sua frente, o rumo da descoberta de um mundo novo e belo, mesmo que ocasionalmente a ilusão da dor deva ser suportada por algum tempo.

Bênçãos para os meus velhos amigos, também, com quem me orgulho e me sinto feliz de trabalhar. Bênçãos para todos, por todo este ano que está por vir. – Sejam Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.